

A APROPRIAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE: AS REVERBERAÇÕES DE BORGES E SEUS TEXTOS

Tatiana da Silva Capaverde

Orientadora: Livia Reis

Teses ou dissertações recentes

RESUMO: A tese analisou a função autoral em textos contemporâneos que desautorizam o autor da detenção de sentido e praticam a intertextualidade e a pós-produção como atos constitutivos da criação literária a fim de demonstrar que o conceito de autor passa a abarcar a função de autor-leitor (crítico, compilador ou pós-produtor) nas apropriações realizadas do nome e dos textos de Jorge Luís Borges. Para tanto o tema foi abordado sob dois aspectos: a presença de Jorge Luís Borges como personagens em textos alheios e a prática da reescrita por autores contemporâneos de “El Aleph” e *El Hacedor* do mesmo autor. O percurso teórico passou pelos conceitos de autoria, reescrita e apropriação. Fizeram parte do corpus de análise as narrativas *Los Testigos* (2005) de Jaime Begazo e *Borges e os Orangotangos Eternos* (2000) de Luis Fernando Veríssimo nas quais foi examinada a presença de Borges como personagem. Já as reescritas “El Especialista o La verdad sobre el Aleph” (2005) de Roberto Fontanarrosa, *El Aleph Engordado* (2009) de Pablo Katchadjian e *El Hacedor (de Borges), Remake* (2011) de Agustín Fernández Mallo foram analisadas sob o aspecto do processo de apropriação de textos específicos borgeanos. Objetivou-se mostrar que Borges é um morto presente, que continua a atuar como autor em convivência com autores contemporâneos no universo ficcional e que seus textos-Borges continuam a reverberar em textos alheios. Concluiu-se que na contemporaneidade o conceito de autoria está ressemantizado, o autor está vivo e atuante na malha das letras, sendo mantido e alimentado pelas mitografias e pela função autoral exercida por diferentes agentes na trama narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Apropriação, Autoria, Intertextualidade, Pós-produção, Jorge Luís Borges.

A partir da constatação de que Jorge Luis Borges, que nega ironicamente a autoria e a originalidade quando ficcionaliza o autor e se apropria da biblioteca - criando seus

precursores e praticando o intertexto e a autoria apócrifa -, é justamente o autor mais apropriado e ficcionalizado na contemporaneidade nasce a pesquisa que culminou na tese defendida em novembro de 2015. Dessa aparente contradição presente na prática da ficcionalização de Borges e na apropriação dos seus textos, buscou-se analisar como Borges passa a habitar os textos alheios dos mais diferentes gêneros e estilos, fazendo com que seu texto, como um corpo caracterizado por sua voz e sua imagem, passe a ser parte da fala e do corpo de outro. Além disso, pretendeu-se apontar quais foram as estratégias narrativas que fazem coabitar em um mesmo texto mais de um autor, mesmo aqueles que não querem sê-lo, fazendo coexistir duas vozes autorais em um mesmo tecido textual.

A escrita como construção autoral e a apropriação como forma de criação são alguns dos temas metaficcionalizados que são debatidos e reescritos pelos autores contemporâneos a partir de Borges. Os diferentes processos intertextuais presentes nas obras analisadas demonstram que a produção contemporânea na prática da reescrita busca tematizar de forma metaliterária o debate sobre autoria e originalidade, não havendo melhor hipotexto ou objeto de pós-produção que o nome de autor Borges e seus textos para promover esse debate.

O corpus e o tema são vastos: uma seleção e um recorte temático foram necessários. Para compor o corpus foram escolhidas obras escritas no século atual a fim de observar as reverberações de Borges na escrita contemporânea de língua espanhola e portuguesa. No primeiro capítulo, observou-se a figura de Jorge Luis Borges em textos alheios, sua presença em forma de personagem acompanhado de suas mitografias e biografemas. O desenvolvimento do capítulo possui como pressuposto teórico o alargamento do conceito de autor que, após sua morte (Bakhtin, Barthes, Foucault) e seu posterior renascimento (Barthes, Agamben), passa a ser entendido como uma presença ficcionalizada e simulada na estrutura narrativa. Observou-se que, no âmbito discursivo, o autor volta a estar presente e possuir voz, mesmo sendo descentralizada, assumindo a liberdade de exercer também a função de autor-leitor, seja ele crítico, compilador ou pós-produtor; e, no âmbito narrativo, passa a figurar como tema e personagem através dos formatos metaficcionalizados e autoficcionalizados. As relações intertextuais também são tratadas, principalmente, no que diz respeito à exploração ou desconstrução da estrutura da narrativa de enigma, que é comum aos dois textos selecionados. O foco da análise foi observar a constituição autoral no texto, isto é, de que forma coabitam as vozes autorais e como que a presença borgeana se faz presente. As obras analisadas foram

novela *Los Testigos*(2005) de Jaime Begazo e o romance *Borges e os Orangotangos Eternos* (2000) de Luis Fernando Veríssimo. Ambas são formas de releitura da narrativa de enigma que contam com a presença de Borges como personagem.

No segundo capítulo, a proposta foi analisar a apropriação de textos específicos de Borges por autores contemporâneos. É apresentado um alargamento teórico do conceito de obra e a defesa do uso do conceito de texto (Barthes), a fim de melhor abordar os trânsitos textuais. Após a revisão dos conceitos de intertextualidade (Kristeva), citação (Compagnon), palimpsesto e transtextualidade (Genette), foi possível aproximar Pierre Menard e Marcel Duchamp através das noções de reescrita e apropriação difundidas por suas propostas estéticas, culminando no conceito de pós-produção (Bourriaud). Constatou-se que na literatura contemporânea as relações ocorrem de diferentes formas, como foi possível observar nas apropriações do conto “El Aleph” e alguns textos da miscelânea *El Hacedor*. As obras analisadas foram as versões do conto *El Aleph* de Roberto Fontanarrosa, intitulado “El Especialista o La verdad sobre el Aleph” e publicado em *El Rey de la milonga y otros cuentos*(2005) e *El Aleph Engordado*(2009) de Pablo Katchadjian, além de *El Hacedor (de Borges)*, *Remake* (2011) de Agustín Fernández Mallo.

Em se tratando das obras de Jaime Begazo e Luís Fernando Veríssimo, observou-se que as duas pertencem a um vasto universo de reescritas de Borges que recriam a atmosfera detetivesca: a do peruano Jaime Begazo toma como ponto de partida o conto “Emma Zunz”e, a partir de sua releitura, cria um personagem fabulador chamado Borges, que em conjunto com um narrador leitor e ouvinte que se comporta como detetive, criam diferentes versões para o conto; e a de Luis Fernando Veríssimo se apropria da temática e da estrutura labiríntica borgeana e escreve uma narrativa em que os detetives são literatos, o assassino é o tradutor e o espaço da investigação é a biblioteca de Borges. Nos dois casos, a herança da narrativa de enigma de Borges está presente na composição das narrativas contemporâneas que apresentam estrutura e composição lógica, sobre as bases da intertextualidade e da metaficcionalidade, o que resulta em sucessivas reescritas do gênero borgeano. Pode-se observar o uso da estrutura do relato de enigma e do relato autoficcional para subverter a ilusão do sujeito e da experiência como estratégia narrativa a fim de ressignificar as funções das categorias narrativas. O relato supostamente verídico contado por uma voz dotada de falsa materialidade provoca o envolvimento do leitor de tal forma que torna possível apresentar a

falsificação no interior da engrenagem de dois gêneros considerados referenciais. Esse efeito desestabilizador só é atingido através da aproximação entre as funções de autor e narrador que a narração em primeira pessoa do singular promove e do uso do nome de autor Borges que reúne em si o universo referencial e mitográfico. Também constatou-se que a presença de Borges personagem se dá na função de leitor, muitas vezes na posição de detetive-leitor, o que faz também ecoar nos textos a estrutura da narrativa de enigma por ele difundida, que explora a construção metafórica do leitor como detetive, o autor como assassino e a obra como enigma em construções literárias metaficcionalis. Assim as duas obras analisadas apresentam uma releitura da estrutura e das temáticas praticadas na narrativa de enigma, recriando os moldes apresentados e dando seguimento à dialética entre continuidade e ruptura na manutenção do gênero. Também utilizam os textos-Borges como forma de identificação e releitura das metáforas e figuras borgeanas e apresentam Borges como personagem, apresentando diferentes construções narrativas a fim de tratar da autoria de forma metaficcional.

Tem-se, portanto, dois níveis de apropriação nas duas obras. O primeiro em *Borges e os Orangotangos Eternos* é realizado pelos narradores Vogelstein e Borges que, a partir da leitura do livro de Poe e de suas leituras imparciais dos fatos, apresentam cada qual uma versão para o mistério; e que em *Los Testigos* é realizado pelo narrador e pelo personagem Borges, pois ambos manipulam e recriam o conto. O segundo em que tanto Veríssimo quanto Begazo recriam os textos-Borges e se apropriam de seu nome de autor, assumindo a função de autores leitores apropriadistas. É interessante observar que mesmo em meio a essa confusão entre papéis e categorias narrativas, a função autor permanece presente, pois se faz necessária mesmo que ressemantizada e descentralizada. Através destes jogos metaficcionalis, as obras selecionadas perpetuam Borges como nome de autor, pois sua presença nominada como leitor e recriador é sublinhada, assim como seus textos-Borges, que o fazem atuar no texto alheio via metáforas e imagens que o identificam. Dessa forma, o passado se torna presente, e o morto retorna à malha textual.

Já nas análises das obras “El Especialista o La verdad sobre ‘El Aleph’”, *El Aleph Engordado* e *El Hacedor (de Borges), Remake*, foi possível observar a relação que autores contemporâneos estabelecem com o conto “El Aleph” e com o livro *El Hacedor* de Borges. Através de uma manipulação explicitamente textual, o debate sobre autoria e originalidade é

apropriado, a função autoral ressemantizada em novos formatos e as marcas autorais são reforçadas pelos autores contemporâneos, mesmo entre aqueles que propõem a negação da autoria.

O distanciamento ou a maior aproximação do texto primeiro é um dos fatores diferenciadores entre as obras analisadas. Enquanto Katchadjian constrói uma relação no campo da manipulação textual, Fontanarrosa promove um afastamento e uma recriação livre, já que utiliza a trama de “El Aleph” como pano de fundo, sem deixar de estabelecer conexões explícitas com o texto de Borges. Mallo mescla os dois procedimentos na totalidade do livro, utilizando tanto a paródia quanto a criação livre para marcar as diferenças estilísticas e exercer sua função autoral. De diferentes formas, o segundo autor marca sua presença no texto quando defende seu projeto de apropriação e com ele uma determinada forma de relação com o passado e a memória literária.

A maioria dos textos analisados parodia o texto de Borges. A reescrita paródica, ao mesmo tempo em que mantém textualmente a estrutura geral do texto primeiro se utilizando das palavras do autor, cria uma nova versão, desviando-as do seu sentido ou do seu contexto original. Estruturalmente, como observa Genette, estabelecem um espelhamento textual que visa mostrar as diferenças entre as escritas e, na perspectiva pragmática de Hutcheon, estabelecem uma relação simultânea de continuidade e ruptura com o texto de Borges, uma vez que é a “‘consciência histórica’ da paródia que lhe dá o potencial para, simultaneamente, entender os mortos, por assim dizer, e também para lhes dar nova vida” (HUTCHEON, 1989, p. 128 apud BETHEA E DAVYDOV, 1981, p. 8) No entanto, “Assinalam menos um reconhecimento da ‘insuficiência das formas definíveis’ dos seus precursores (Martin 1980, 666) que o seu próprio desejo de pôr a ‘refuncionar’ essas formas, de acordo com as suas próprias necessidades.” (HUTCHEON, 1989, p. 15)

Outro fator comparativo entre as reescritas analisadas é a função autoral exercida por cada autor: a autoria crítica praticada por Fontanarrosa e Katchadjian e a autoria pós-produtiva praticada por Mallo. Essa é uma diferença significativa em alguns textos de Mallo com relação às outras analisadas, pois dada a sua vinculação com as mídias e a arte *pop*, a sua forma de apropriação muitas vezes se distancia da prática intertextual assim como é definida pelas teorias literárias. Além disso, manipula o texto primeiro deslocando-o de seu

campo de sentidos, fazendo com que conviva com o contexto não literário ou erudito. Transforma a biblioteca em instrumento de inspiração e ferramenta de trabalho, sem deixar de colocar em funcionamento também outras referências ao patrimônio cultural mundial e à vida cotidiana a fim de marcar seu tempo e seu nome de autor. Essa atitude o diferencia das obras de Fontanarrosa e Fogwill, por exemplo, que possuem reverberações das apropriações realizadas nas décadas de 80, com forte função crítica e desconstrutora pautada na superação do passado. Fontanarrosa pela via irônica e Fogwill pela narrativa realista de engajamento político e histórico realizam uma leitura extremamente carregada de crítica e dessa forma criam novos textos que reverberam os textos de Borges, mas sempre entendendo Borges como uma herança que deve ser questionada. Katchadjian já segue uma linha mais conceitual e de experimentação estética que o aproxima de Mallo, porém seu resultado neovanguardista é mais agressivo, uma vez que corrompe o texto e a figura de Borges quando altera a voz do narrador Borges. Mallo, por sua vez, quando não está parodiando, recria livremente os textos, o que faz transparecer em seu trabalho uma atitude mais pós-produtiva que não visa uma superação ou crítica da obra de Borges, além de apresentar formas híbridas e proposta estética conceitual, como bem explica Mora (2011):

El libro de Fernández Mallo tiende a *desplazar* y descontextualizar el original borgiano hasta subsumirlo, *como objeto pop*, en nuestra contemporaneidad referencial. Lo toma como cita y lo proyecta como objeto artístico. Su propósito (no agresivo como el de Katchadjian, pero sí lúdico y hasta paródico) es situar el hipotexto de Borges como un campo de juegos a partir del cual tejer referencias, no solamente literarias. Desde ese punto de vista, y en tanto en cuanto el libro es *transmedia*, su lugar de ubicación estética está más allá de lo literario, a medio camino con ciertos procedimientos artísticos de tipo conceptual (MORA, 2011, p. 268).

As diferenciações que se podem observar entre as reescritas analisadas apontam para novos alargamentos conceituais ou novos trânsitos pelos conceitos das artes plásticas, a fim de abarcar as diferentes manifestações de apropriações, além de entender a função autoral de forma ressemantizada. As diferentes formas de relação intertextuais utilizadas apontam para as diversas funções autorais presentes, em que, a partir de um posicionamento crítico ou pós-produtor, é possível transitar na matéria alheia colocando autores vivos e mortos em convivência, seja ela conflituosa ou não.

Nessa perspectiva, observa-se que a noção de tradição é questionada ou perde o peso da influência como relação hierárquica entre obras e autores. No entanto, o texto canônico

existe e é reconhecido (seja na visada crítica ou reverencial), sendo chamado ao presente a fim de fazer conviver obras e autores em diferentes espaços e tempos sem uma relação estreita de antes e depois, pois não há mais a defesa de uma oposição entre tradição e inovação. Não se trata da manutenção de uma continuidade ou origem, mas sim uma repetição que produz Outro, do surgimento do outro na reiteração. Assim, repetir ou reescrever não segue a lógica da cópia de um modelo, trata-se antes de uma autoconsciente manipulação de códigos, gêneros ou modos narrativos que rompe com qualquer continuidade pacificadora. A partir desse contexto, o que se esperava encontrar é o que Souza (2011) afirma em seu texto:

Nas lições de Borges para a literatura do presente – contaminada pela metaficção, pelo convívio estreito entre documento e ficção, teoria e ficção, verdades e mentiras, *bartlebys* e companhias – o que se propõe é a prática da irreverência diante de sua obra, da mesma forma que ele assim entendia a leitura da tradição. O mimetismo e a subserviência aos modelos não constroem boa literatura, pois a leitura dos clássicos e das tradições exige rupturas e clama por um diálogo impertinente com os precursores (SOUZA, 2011, p. 99).

Acreditou-se que é dessa busca por novas relações com o passado que nasceram as obras aqui analisadas, que, além de colocar em evidência a apropriação do texto alheio, debate a ressemantização da autoria em textos que fazem conviver mais de um autor. O resultado frutífero das aproximações e rupturas presentes na apropriação é o fato de dois autores coabitarem a mesma obra, defendendo seus posicionamentos estéticos e transitando pela biblioteca com irreverência, reescrevendo seu passado, não deixando de defender seus princípios estéticos e marcando sua voz autoral. Como bem lembra Crespo (2012), “Para salir de Borges hay que parodiarlo. Hay que homenajearlo y burlarlo simultáneamente, para recordarlo y relativizarlo en un mismo gesto.” (p. 56)

Na observação do panorama aqui traçado a partir dos textos analisados é possível perceber uma variedade de atitudes e posicionamentos que apontam para um vasto campo de possibilidades de tratamento estético e posicionamentos ideológicos, uma vez que é uma característica dos tempos atuais a coexistência ou inexistência de estilos, tendências, escolas. Assim, em tempos contemporâneos, temos a coexistência de narrativas que praticam a apropriação em uma perspectiva mais imitativa e de manutenção de uma relação vertical entre passado e presente com reverência à origem; ou em uma perspectiva crítica e desconstrutora da tradição; ou ainda que buscam estabelecer uma relação horizontal não hierarquizada de

manipulação do passado reafirmando a irreverência do ato da pós-produção. Há obras que mantêm os pressupostos estéticos modernos reeditando as mesmas construções textuais no debate da autoria e originalidade, assim como há obras de diálogo aberto com as mídias e as tendências *pops* pós-modernas, criando novos formatos para debater o mesmo tema. Todas, de alguma forma, mantêm viva a dinâmica da ruptura e continuidade com o passado, passado esse aqui representado pelo nome Borges e seus textos. Como o autor é “un otro yo que organiza, establece, determina, y por supuesto, significa.” (PREMAT, 2006, p. 314), as reescritas dão novas significações aos textos.

Nos trabalhos analisados a autoria pode ser abordada a partir de duas perspectivas distintas: observando a ressemantização da função autoral e os mecanismos de inserção do autor contemporâneo apropriacionista nos textos; ou observando a presença de Borges como autor personagem, que permanece presente no texto alheio quando tem seu nome e/ou seus textos apropriados. Dessa forma, a apropriação dos textos-Borges coloca em cena o autor apropriado e o autor contemporâneo e assim a autoria se faz duplamente presente, seja pela presença ausente do morto ou pela vivíssima, mas pretensamente ausente, presença do autor-leitor, seja ele crítico, compilador ou pós-produtor.

Assim como se reforça a presença autoral do autor morto, também se reafirma o lugar da autoria do autor contemporâneo. Os autores apropriacionistas encontram mecanismos narrativos e/ou estilísticos para sublinhar sua presença, fazendo com que seu nome também ganhe voz na narração em convivência com o autor consagrado e apropriado. Percebe-se uma forte adjetivação autoral e o uso das estruturas narrativas a serviço da construção automitográfica, tanto na defesa de posicionamentos críticos quanto estéticos. Da posição de autor-leitores, transformam a leitura fora do lugar e do tempo em uma estética da não originalidade. Pode-se observar que os autores estão muito presentes, não mais na posição de autoridade, mas como tema ou como demarcadores de um espaço e de um tempo. É latente a importância da instância autoral mesmo em formas e temáticas alheias. São imagens e vozes presentes através das categorias narrativas do narrador e do personagem e de marcas textuais que apontam para uma adjetivação autoral que busca se definir no caótico universo das intertextualidades.



Borges reverbera nas literaturas contemporâneas. O morto se faz vivo e a sua ausência presente torna possível a convivência entre o passado e o presente. Através da ficcionalização do autor e da prática da apropriação, assim como fez Borges, coloca-se em debate o conceito de autoria, originalidade e relações de influência. Frente a uma biblioteca que parece conter tudo, resta ler para reescrevê-la, essa parece ser a máxima dos autores do século XXI. A dialética entre textos e autores, continuidades e rupturas, torna-se cíclica, pois Borges que se apropriou de seu passado hoje é apropriado pelos autores contemporâneos, e assim sucessivamente, em uma infinita reescrita.

REFERÊNCIAS

- BEGAZO, J. *Los Testigos*. Palma de Mallorca: Edicions Cort, 2005.
- BORGES, J. L. *El Hacedor*. 22 ed. Buenos Aires: Emece, 1994.
- CRESPO, N. *Parodias al Canon: reescrituras en la Literatura Hispánica Contemporánea (1975 – 2000)*. Buenos Aires: Corregidor, 2012.
- FONTANARROSA, R. *El Rey de la Milonga y Otros Cuentos*. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 2005.
- HUTCHEON, L. *Uma Teoria da Paródia*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- KATCHADJIAN, P. *El Aleph Engordado*. Buenos Aires: IAP, 2009.
- MALLO, A. F. *El Hacedor (de Borges), Remake*. Madrid: Alfaguara, 2011.
- MORA, V. L. El MetaRemake: relecturas transatlánticas y transmedia de Borges. *Boletín Hispánico Helvético*, n. 17-18, p. 259-278, 2011.
- PREMAT, J. Tradición, Traición, Transgresión. *Variaciones Borges*, n. 21, p. 09-21, 2006.
- SOUZA, E. M. A Memória de Borges. In: _____ *Janelas Indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2011.
- VERÍSSIMO, L. F. *Borges e os Orangotangos Eternos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.